

MAMILLA INVERTIDO: AÇÕES PORNOTERRORISTAS PARA ENFRENTAR O “CISTEMA”

Maria Julia Ferretti (Maju Ferretti)¹

Mirian Borges da Silva²

INTRODUÇÃO

Em contrariedade a uma produção pornográfica tradicional que se constituiu historicamente por uma prerrogativa masculina e através de uma linha mercadológica, o pós-pornô surge, segundo o pesquisador trans Éri Sarmet (2015), como uma prática artística e política na desconstrução da pornografia tradicional, em que corpos³ dissidentes – “as mulheres, as minorias sexuais, os corpos não-brancos ou deficientes, as pessoas transexuais, intersexuais e transgênero” (Preciado, 2008, s/p) – irão produzir seus próprios trabalhos através de múltiplas linguagens expressivas, como a performance e o audiovisual. Com isso, subvertem o imaginário pornográfico, ao capturar os seus códigos narrativos e estéticos e transformá-los por meio da dissidência.

Um movimento que faz parte do pós-pornô e que leva essa afronta de maneira mais combativa é o pornoterrorismo, criado em 2001 pela artista e ativista cis Diana J. Torres ou, como é mais conhecida, Diana Pornoterrorista, que teve a intenção de unir pornô e “terrorismo” em práticas que exploram a sexualidade a partir do lugar do enfrentamento, causando um certo desconforto à norma. Desse modo, pode ser caracterizado como “uma forma de insurgência, divergência, contra a hegemonia, subversão, uma insurreição sexual e objeção de gênero, uma estratégia artística política para fazer dos nossos corpos as melhores armas” (Torres *apud* Nunez, Seffner e Méndez, 2019, p. 21). Além disso, pode ser caracterizado como uma forma de

¹ Mestrando em Artes Cênicas na Universidade Federal de Ouro Preto- UFOP, maju.ferretti@aluno.ufop.edu.br

² Doutoranda em Antropologia na Universidade Federal de Santa Catarina- UFSC, mirian.borges2000@gmail.com

³ Optamos por usar “corpa” para ressignificar o lugar de corpo e superar o androcentrismo da palavra, assim como usam ou nomeiam diversos movimentos lésbicos, trans e não binários

performance e arte pública, com ações de rua que visam à masturbação pública, desgenitalização, arte corporal, fluídos e escatologia.

Assim, a partir das relações estabelecidas com o pornoterrorismo em nossas experimentações performáticas para atingir essa base de enfrentamento, é que foi criado o projeto performático Mamilla Invertido. O projeto é uma reação à violência estrutural que censura socialmente mamilos lidos como “femininos” e tem, como sua principal ação, vestir mamilos enquadrados anatomicamente como masculinos e expor os atravessamentos de duas corpos angustiadas com as regulações sociais impostas. A proposta foi desenvolvida a partir de práticas performativas que, em processo, se desdobraram em outras. Assim, em sua estruturação inicial, foram produzidas fotoperformances, reconstruindo contextos heteronormativos⁴ em espaços simbólicos como parques e festas universitárias locais abertos, através de uma gestualidade que reforçasse tal masculinidade, mas que contrastasse com as nossas corpos, as quais, mesmo usando os mamilos, não se encaixavam nesse tipo de representação. Em formato de intervenção no espaço e no olhar de quem está presente, realizamos a ação de colocar os mamilos e circular pelo local, encarando as pessoas, além da leitura de texto do livro *Pornoterrorismo* (2010), de Diana J. Torres, juntamente à montagem da instalação com as fotoperformances, materiais informativos de denúncia à censura da nudez e uma exposição colaborativa com imagens de diversos tipos de mamilo. Por último, foi elaborada a ação de expor os mamilos, chamada de “Só mamilos”, que consiste em se vestir de preto e deixar somente os mamilos de fora aparecendo.

O trabalho em questão faz parte da pesquisa de Maju Ferretti: *Dilatar imaginários sexuais sudakas: uma compreensão das performances pós-pornográficas na América do Sul*, em andamento no PPGAC-UFOP, que tem o objetivo de localizar o pós-pornô na América do Sul e criar um entendimento sobre a sua produção a partir da linguagem da performance. Além de se entrecruzar teoricamente com a dissertação de Mirian Borges da Silva, *Entre o Saber e o Gozo: a pós-pornografia no Brasil* (2025)⁵, na qual a autora faz um mapeamento, a partir da perspectiva etnográfica, de práticas pornográficas, pós-pornográficas e pornoterroristas brasileiras.

⁴ Segundo Rafael Lobo (2016), a heteronormatividade se trata da norma que se cunha nos corpos a fim de torná-los homens ou mulheres, ativos ou passivos e assim por diante, tendo sempre como modelo de cunhagem a diferença sexual como modo de agir e de subjugar um corpo a outro.

⁵ A dissertação foi defendida em janeiro de 2025, pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGSOC-UEL) e pode ser acessada a seguir: < <https://repositorio.uel.br/items/5d89a846-3de7-4aa2-9d43-dc38038e7f5b> >.

A realização da performance e a exposição seguem acontecendo e, muitas vezes, são feitas no espaço acadêmico, por meio de saraus, mostras e simpósios. Como a participação, em 2024, tanto no Simpósio Internacional Fazendo Gênero da UFSC quanto na Mostra Milte da UEM. Com isso, buscamos uma aproximação com diferentes públicos para potencializar o debate público e político sobre a temática. Assim, por meio de bate-papos que são feitos após a performance, possibilitamos o compartilhamento de vivências e denúncias de violências, algo que fortalece a luta e engaja o trabalho.

Visto que, ao elaborarmos as nossas próprias ações pornoterroristas, tivemos a intenção de nos chocar contra as normas, seja por vias da ironia, ao intervir na política do olhar e causar certo estranhamento em nós e em quem estivesse vendo, mas também confrontar a censura a nossas corpos. Configuramos nossa ação como ativista, em alinhamento com a perspectiva do autor cis Miguel Chaia (2007). Segundo ele, ativismo seria uma forma de impactar e conscientizar a sociedade por meio da arte, em que artistas, ou coletivos produzem conceitos ou práticas, tendo por base uma consciência crítica aguçada, por meio de métodos colaborativos de execução do trabalho, com a participação direta e a

disseminação dos resultados obtidos. Desta forma, nossa ação consiste em provocar a reflexão acerca da regulação imposta a algumas corpos, normalmente os/as/us feminilizados, no desejo de derrubar o regime patriarcal e hegemônico que violenta corpos dissidentes, seja por pequenas violências ou as matando, por isso, lutamos pelo direito da liberdade de todas as corporalidades.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

O desenvolvimento do projeto em questão está alinhado às nossas investigações acadêmicas e utiliza, como método, a prática como pesquisa, em que se configura, segundo as autoras cis Ciane Fernandes e Melissa Scialom (2022), um modo em que a prática se torna o meio pelo qual a pesquisa é realizada. Nesse sentido, ela orienta a investigação e determina não somente a maneira de se pesquisar, mas também a forma de se refletir sobre a pesquisa, como forma de diálogo entre prática e teoria. Nesse modelo, devido ao seu caráter processual, a pesquisa está sempre em “mudança constante” e a prática é integrada no estudo a partir de resultados que surgem diretamente das experiências vivenciadas, em uma espécie de movimento contínuo de desenvolvimento, em que as descobertas e aprendizagens ocorrem a partir das próprias práticas.

Para direcionar o nosso olhar analítico ante a pesquisa e prática desenvolvida, a noção de performance é central, visto que pode ser vista como um meio expressivo para a prática pós-pornográfica/pornoterrorista através dos saberes do corpo. Mas, além disso, alinha-se ao pensamento de Diana Taylor (2013), que pensa a performance como uma lente metodológica, na qual a própria performance é, em si, episteme e diz respeito a um modo de conhecer, não apenas a um objeto de estudo.

Dessa forma, a formulação das práticas performáticas citadas partiu de roteiros elaborados por nós para guiar as nossas experimentações dentro do nosso estudo, o que se relaciona com o princípio de programa performativo proposto pela pesquisadora cis Eleonora Fabião e descrito por ela como o “enunciado da performance: um conjunto de ações previamente estipuladas, claramente articuladas e conceitualmente polidas a serem realizadas pelo artista, pelo público ou por ambos sem o ensaio prévio.” (Fabião, 2013, p. 4)

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O estudo do trabalho desenvolvido se conecta com a teoria da pesquisadora mexicana cis Diana Taylor (2016), que visualiza a performance como uma ação política, mas também como um ato retido que se distingue e interfere no cotidiano quando adquire uma lógica própria. Sendo assim, de acordo com a pesquisadora cis Josefina Alcázar citada por Laura Milano (2020) a ação performativa funciona como linguagem de expressão porque permite a reflexão e um conhecimento de si por meio da ação da corpa de artistas ou de toda pessoa que participa da prática performática, de modo a se tornar a matéria-prima com a qual experimentam, exploram, questionam, intervêm e transformam.

Em razão disso, experimentamos com as nossas corpas as ações performativas de vestir os mamilos para intervir na Política do Olhar. Tal conceito foi cunhado pela pesquisadora cis Tais Lobo que, em sua dissertação de mestrado, *Antropofagia Icamiaba, contra-sexualidade e contra-cinema: a auto-pornografia como ferramenta de subversão política* (2014), associa o termo à pós-pornografia, pensada como uma intervenção de política do olhar para trazer novas corporalidades e prazeres. A partir disso, ela relaciona o conceito com a discussão que o pesquisador cis Marcos N. Beccari (2020) elabora acerca da “visualidade” como algo que não designa o que é visível, mas, antes disso, trata da organização do olhar. Nesse sentido, Beccari (2020), em perspectiva foucaultiana sobre a microfísica do poder (1978), afirma que a visualidade vai se constituir como relação. Assim como pensado por Foucault no que diz respeito ao poder, “também a visualidade não é uma coisa, mas algo que se exerce, que se efetua,

que de algum modo funciona e se disputa.” (Beccari, 2020, p. 289). Como se observa na Figura 1:

Figura 1 - Mamilla Invertido (Maju Ferretti no Simpósio Internacional Fazendo Gênero, 2024, UFSC)



Fonte: acervo pessoal de Maju Ferretti

Esse conjunto de práticas busca confrontar o sistema normativo que ainda reforça papéis de gênero baseado em uma biologia cromossômica e genitalista. Logo, o processo de descategorização proposto por elas brinca com a biologia porque não a considera uma verdade, mas um campo de disputa. Questionamentos à biologia foram travados há muito tempo: a luta teórica e as práticas feministas dos anos 1990 já sentiam que uma categoria fixa da identidade mulher era limitada, sendo a incorporação da norma para reivindicação de condições mínimas de existência, “ainda baseada na exclusão de uma gama de existências outras” (Butler, 2010, p. 18). Finalmente, em 2021 pudemos ter acesso à “Invenção das mulheres”, de Oyèrónkẹ Oyěwùmí, em que a autora cis entende “as noções de “homem” e “mulher” como ficções binárias fundacionais no discurso ocidental, baseadas em simples pares de oposição de ausência ou presença de determinado órgão (Oyèwumi, 2021, p. 15).

Desse modo, fizemos do projeto também uma ficção, que não ocupa apenas o campo biológico, mas, ainda, o campo de práticas simbólicas do que se convencionou chamar

“masculino” ou “feminino”. Se, como Butler (2010) indicaria, gênero se faz, fazendo e sempre a partir da performatividade como atos reiterados pela linguagem, utilizamos a performance como linguagem de experimentação da própria performatividade e criamos todos os gêneros possíveis: descategorizados, fluidos e em constante mudança. Ao realizarmos a ação de incorporar os mamilos “masculinos”, fizemos dos nossos desenhos não receptores passivos da gestão normativa, mas os usamos, a partir das nossas corpos, como potências criativas, por meio das quais propomos novos sentidos, como se visualiza na figura 2, logo abaixo:

Figura 2 - Primeira fotoperformance da série experimental: “Pós-gol de placa” (Mirian Borges e Maju Ferretti (2023) em Zerão, Londrina/PR).



Fonte: acervo pessoal de Maju Ferretti.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tentamos expressar, em termos teóricos e práticos da presente escrita, uma discussão sobre o processo de desenvolvimento do projeto performático como estudo que fomenta as nossas pesquisas na área da pós-pornografia. Bem como as práticas desenvolvidas se alimentam dessa coragem pornoterrorista de enfrentar o sistema⁶ usando as nossas corpos como armas e convocam a todos a refletirem sobre a problemática em questão. A partir das nossas

⁶ Segundo Kury (2021) o cis de cisgênero, palavra criada para localizar pessoas não trans. Fazendo referência com a nomenclatura, cis-tema fala do sistema social centrado na heterocissexualidade compulsória, algumas dissidências chamam de heteroland.

experiências, é percebido o quanto estamos levando o projeto para novos lugares que estão abertos a impulsionar ativismos e conseguimos ocupar esses territórios com as nossas corpos desgenerificadas, e a provocar a todes a mover junto, a pensar e olhar do novo. Com isso, pontua-se que queremos, com o Mamilla Invertido, lutar pelos nossos direitos e trazer a corpa metamorfizada, meio homem, meio mulher, meio nada, meio tudo: estamos em movimento, estamos em disputa.

Palavras Chaves: Mamilos; Performance; Pornoterrorismo; Dissidência

REFERÊNCIAS

BECCARI, Marcos N. **Visualidade e política a partir de Foucault**. Arte e Ensaios, Rio de Janeiro, PPGAV-UFRJ, vol. 26, n. 40, p. 283-295, jul./dez. 2020. ISSN-2448- 3338. DOI: <https://doi.org/10.37235/ae.n40.19>.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

CHAIA, Miguel. Ativismo- Política e Arte hoje. **Revista Aurora**. São Paulo. n.1, julh. 2007.

FABIÃO, Eleonora. Programa Performativo: O Corpo-em-experiência. IN: **Revista LUME Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Teatrais UNICAMP** n.4. Campinas, 2013.

KURY, Bruna, Mogli. **A pós-pornografia como arma contra a maquinaria da colonialidade**. São Paulo: feira livre, 2021.

LOBO, Rafael Haddock. **Preciado e o pensamento da contrassexualidade(uma prótese de introdução)**. Revista Trágica: estudos de filosofia da imanência, Rio de Janeiro, v.9 nº 2, p. 77-92, 2016.

LOBO, Tais. **ANTROPOFAGIA ICAMIABA: Contra-sexualidade e contra-cinema: a auto-pornografia como ferramenta de subversão política**. Monografia em cinema e audiovisual pela Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro. 2014.

MILANO, Laura V. **UN PORNO PRÓPRIO: ESCENA CULTURAL, ASCTIVISMO Y SEXUALIDADES EM LA POSPORNOGRAFÍA EM ARGENTINA (2011-2018)**. 2020.358f. Doctorado (Tesis em ciências sociais), Universidad de Buenos Aires, 2020.

NUNES, Harigi Borba, SEFNER, Fernando, MÉNDEZ, Natalia Pietra. **“O corpo histórico: meu dildo goza terrorismo” Pós-pornografia e pornoterrorismo na contemporaneidade - Uma analítica de ruptura**. Aedos, Porto Alegre, v. 11, n. 24, p. 103-126, ago. 2019.

OYEWÙMÍ, Oyèrónkẹ. **A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

PRECIADO, Paul B. **Museu, basura urbana y pornografía**. Zehar. Revista de Arteleku-ko aldizkaria. n. 64, 2008. Disponível em: <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2861768>, Acesso em: 27 maio. 2025.

SARMET, Éri. **“SIN PORNO NO HAY POSPORNO”: Corpo, Excesso e Ambivalência na América Latina**. 2015. 135 f. Mestrado (Dissertação apresentada ao Curso de Pós-graduação em Comunicação Social) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

SCIALOM, Melina, FERNANDES, Ciane. Prática Artística como Pesquisa no Brasil: Reflexões Iniciais. **Revista de Ciência Humanas**. v. 22, n. 2, julho-dezembro, 2022.

TORRES, Diana. **Pornoterrorismo**. Tafalla: Txalaparta, 2011.

TAYLOR, Diana. **Performance**. Editora Perspectiva, 2023. 200 p.

TAYLOR, Diana. Qué es una performance? Lunes a Viernes. VIA X. 2016. 1 vídeo.

Disponível em:
https://www.youtube.com/watch?v=to9jSVcj6KU&list=PLIzEHUiQ5gkr2PYTUh_L2WiSIKGyjrhp&index=7. Acesso em: 18 junho. 2025.